

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

DUAS LINHAS.

SIMÕES, Nuno

Ano: 1958 | Número: 68

Como citar este documento:

SIMÕES, Nuno, Duas linhas. *Revista de Guimarães*, 68 (1-2) Jan.-Jun. 1958, p. 73-76.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Duas linhas

Não era dos amigos mais antigos de Eduardo d'Almeida, embora fosse, ai de mim, dos mais velhos.

Apesar de nascido em terras vizinhas, ele em Guimarães e eu em Famalicão, e apesar de haver-mos frequentado, em épocas diversas, é certo, o mesmo seminário-liceu, só tarde e quase no fim da primeira República nos conhecemos pessoalmente. Nos conhecemos e passamos a estimar-nos, embora já antes, e com apreço, andássemos nas conversas de amigos comuns. E vários foram eles, com Manuel Monteiro à frente.

Eduardo d'Almeida pertenceu a uma geração académica que deixara há muito Coimbra, quando eu para lá fui. Era já jornalista, político, causídico, homem de Letras e parlamentar de nomeada, ao chegar eu à Universidade.

Só alguns anos depois do meu ingresso na vida pública nos encontramos. Ao tempo fixara-se ele em Guimarães, onde passou a exercer as suas actividades intelectuais e profissionais, várias e brilhantes, há que dizê-lo com justiça. Advogado, jornalista, escritor, conferencista, orador, a sua acção intelectual plurifacetada deu-lhe, na sua terra natal, a que ele tanto bem queria, uma posição de justo relevo, que tinha também — não é exagero afirmá-lo — no país.

Foi, porém, ao querido mestre, que o foi de ambos — José de Pina, que devi a mais íntima aproximação com Eduardo d'Almeida.

Na homenagem que os antigos alunos de José de Pina, vai para 16 anos, lhe prestaram, tive a honra de o saudar em nome de todos.

No banquete que lhe oferecemos depois, Eduardo d'Almeida foi um dos oradores. E que eloquente foi o perfil que ele traçou do Mestre e que retrato magnífico de corpo inteiro coube no seu discurso!

Grande foi o prazer com que ouvi e aplaudi o orador admirável e o escritor cultíssimo, que andaram a par.

Depois do almoço, pela tarde, em companhia de alguns amigos, vagueamos pelos velhos recantos de Guimarães, numa doce evocação de tempos idos.

Fácil me foi verificar que, no seu exílio, Eduardo d'Almeida não sacrificara nada da sua nobre personalidade intelectual.

Continuara a ler, a escrever, a estudar, a conviver.

Por várias vezes, depois, em correspondência que as nossas caligrafias difíceis espaçaram, e nos encontros em Guimarães, quando lá ia acompanhar amigos brasileiros, Eduardo d'Almeida, cuja saúde eu sentia ir-se abalando, confirmava essa minha convicção.

E especialmente verifiquei que ele se deixara últimamente seduzir pela originalidade, pela frescura, pela graça da terra que a floravam à nova literatura brasileira com um fervor e ímpeto de *geyser*.

O enlevo com que, nesses encontros, ficávamos a ouvi-lo dissertar sobre romancistas e poetas brasileiros, que ele lia sempre e de que, com entusiasmo cada vez maior, citava e nos reproduzia períodos ou versos!

Assim no berço da Comunidade luso-brasileira se criara um mestre de luso-brasilismo literário, cuja curiosidade de leitura era infatigável e insaciável.

Já no discurso de 42, com que saudara José de Pina, Eduardo d'Almeida revelara esse penhor de espírito para o remoçamento fulgural que na literatura brasileira se estava fazendo da língua comum.

E, há meia dúzia de anos, nas Pedras Salgadas, na companhia de Antonino Dias de Castro, que tarde magnífica passamos a folhear Eduardo d'Almeida e a sua volumosa e selecta leitura de autores brasileiros contemporâneos!

Pena que não lhe houvesse permitido a saúde precária aproveitar em estudos e ensaios a riqueza que a sua cultura literária brasileira lhe permitira acumular. A sua paixão bairrista havia de fazê-lo reservar os seu últimos desvelos de estudioso para a história da sua terra. *Peregrinação pelo Termo de Guimarães* foi a derradeira e monumental homenagem que o seu grande coração e a sua lúcida ternura localista quiseram prestar-lhe.

Fui dos primeiros a ser presenteado com ela, como ainda em carta de 28 de Dezembro Eduardo d'Almeida carinhosamente me lembrava, já por pena de terceiro, que a sua trémula assinatura mal pôde encerrar.

E que lápide generosíssima e consagradora ele deixou nas palavras de oferta que inscreveu na sua primeira página!

Não preciso de dizer que a morte de Eduardo d'Almeida privou a cidade e o concelho de Guimarães de um dos seus maiores, pela inteligência, pela cultura e pela bondade. E que essa privação pode, sem exagero, ampliar-se ao Minho que ele adorou e ao país que ele serviu, sempre devotada e irremissivelmente.

Por mim, perdi um bom amigo que deixou vazios o meu coração e a minha admiração, esta cada dia sentindo mais a pena de ver reduzidos os motivos da sua compensadora sobrevivência.

NUNO SIMÕES